

Expansão Com “base industrial diversificada”, a Área Metropolitana do Porto viu as exportações crescerem 36% em 10 anos. Dormidas duplicaram

Do turismo à indústria, uma região aberta ao mundo

Textos **MARGARIDA CARDOSO**
Foto **RUI DUARTE SILVA**

Numa tarde de outubro cheia de sol, Jerry Newman e Ellen Carter descem do autocarro turístico, junto à Ribeira do Porto, “com os olhos cheios de coisas bonitas” e a máquina fotográfica repleta de imagens para “impressionar os amigos” no regresso aos Estados Unidos. Foi assim, depois de verem fotos de viagens de um casal amigo, que escolheram o seu destino de férias deste ano, contam ao Expresso. Já passearam na Foz, onde molharam os pés do lado europeu do Atlântico, subiram à Torre dos Clérigos, calçaram ruas do centro histórico, provaram as tripas e “a francesinha obrigatória”. Os próximos dois dias serão dedicados ao Douro, mas antes, em jeito de aperitivo, ainda vão visitar umas caves de Vinho do Porto, em Gaia.

É uma escolha comum a muitos turistas. Em 2025, passaram 1,28 milhões de visitantes pelas caves de Gaia, com destaque para norte-americanos (14,7%) e franceses (11,35%). A Calém, líder do *ranking* de entradas, atraiu 230 mil pessoas e “registou uma taxa de conversão em compras superior a 30%, o que significa que cerca de um terço dos visitantes acabou por comprar pelo

menos uma garrafa de Vinho do Porto no final da visita”, diz Maria Manuel Ramos, diretora de turismo do Kopke Group, que investiu recentemente mais de €4 milhões nas caves das casas Calém e Burmester.

Na margem direita do Douro, a rivalizar com o Vinho do Porto, a Fundação de Serralves atraiu 902 mil visitantes, o Palácio da Bolsa somou mais 485 mil visitas, e a oferta hoteleira não para de crescer. O *pipeline* de novos projetos hoteleiros no Porto, cidade que acaba de ser eleita “a mais acolhedora da Europa” pelos leitores da “Condé Nast Traveler” e “Melhor Destino de Cidade Cultural” nos World Travel Awards, soma 112 empreendimentos para juntar aos 227 já existentes, o que triplica a sua oferta face a 2018.

Em 2025, a Invicta registou 6,6 milhões de dormidas em estabelecimentos de alojamento turístico (mais 37% do que em 2022 e mais do dobro de 2014) e 3 milhões de hóspedes (mais 34,2%), apresentando-se como o grande polo de atração turística da Área Metropolitana do Porto (AMP), onde Gaia aparece na segunda posição, com 1,2 milhões de dormidas (mais 11,9%). “Tem sido um crescimento contínuo, acompanhado pelo crescimento dos proveitos acima das dormidas e dos hóspedes”, sublinha Luís Pedro Martins, presidente do Turismo Porto e Norte. “O peso do Porto no crescimento da procura turística do país é significativo, mas em algumas



zonas da cidade podemos estar num ponto em que a oferta hoteleira já está acima da procura”, alerta.

Para Luís Carvalho, professor da Faculdade de Economia e Gestão da Universidade do Porto (FEP), especialista em desenvolvimento urbano e regional, um dos desafios da cidade e da região é precisamente este “lado B” do sucesso turístico, desde logo pela “pressão sobre os preços na habitação”, diz, com base num estudo onde conclui com outros colegas da FEP que “se o volume de alojamento local no país tivesse permanecido nos níveis de 2015, os preços da habitação seriam, em média, 15% mais baixos”. E, consequentemente, “há risco de perda de competitividade na atração de empresas e talento”, sublinha.

Empresas líderes

Quando analisa a AMP e os seus 17 municípios, vê “um núcleo económico especialmente coerente nos concelhos do Porto, Matosinhos, Maia, Valongo, Gondomar e Vila Nova de Gaia, e uma base industrial diversificada, resiliente”, alicerçada em “sectores tradicionais, do calçado ao têxtil, à metalomecânica, à alimentação ou ao mobiliário, entre outros, que se modernizaram e contam com o apoio de institutos de interface e universidades”.

Basta passar os olhos pelo mapa industrial da AMP para perceber que Gaia, Maia e Santa Maria da

No ano passado, o Porto teve 6,6 milhões de dormidas, e Gaia outros 1,2 milhões, com o turismo a continuar a afirmar-se como motor da economia regional

Feira estão no *Top 10* dos municípios mais exportadores do país. A região viu as exportações crescerem 36% em 10 anos, representa 18% do emprego em Portugal, só atrás da Grande Lisboa (28%), e paga acima da média nacional (€1620 brutos *vs.* €1576). A força empresarial é alicerçada em pequenas e médias empresas (PME), mas também em líderes nacionais e ibéricos: a Trofa tem a Bial, a maior farmacêutica lusa com investigação própria, a Maia junta a Sonae, o maior empregador privado português, a CIN, líder ibérica nas tintas, e a Cerealis, primeira no *ranking* das massas e moagens. Já Gaia conta com a Sogrape, líder nacional nos vinhos, a Salvador Caetano, a maior no sector automóvel, e a BA Glass, principal operador luso nas embalagens e garrafas de vidro, e o Porto tem a Mota-Engil, a maior construtora lusa, a Lactogal, líder ibérica nos laticínios, e o unicórnio Sword Health, dedicado à fisioterapia digital e inteligência artificial na saúde.

Polo atrativo

Paralelamente, a região, que viu o PIB *per capita* na última década crescer ligeiramente acima do total do país (58,3% *vs.* 56,6%), consolidou-se como “um polo altamente atrativo para o investimento estrangeiro e serviços avançados”, nota Luís Carvalho, sublinhando “a visão metropolitana do Porto na atração de negócios”. “Vemos uma cooperação que supera fronteiras administrativas e acredita que o investimento captado em concelhos vizinhos beneficia toda a região, consciente de que a dinâmica dos visitantes estrangeiros não reconhece esses limites geográficos”, explica.

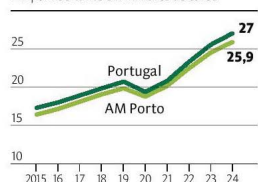
“É toda uma dinâmica que tem no Porto de Leixões uma infraestrutura vital”, assume Rafael Campos Pereira, vice-presidente da AIMMAP, a associação da fileira metalúrgica, campeã das exportações portu-
guese



ÁREA METROPOLITANA DO PORTO

PORTUGAL PRODUZ é uma série de 12 trabalhos que o Expresso publica ao longo de 2026, ao ritmo de um por mês, sobre algumas das regiões que mais se destacam na economia nacional e que estão a afirmar-se enquanto espaços de criação de emprego, atração de investimento e dinamização das exportações. Na série damos a conhecer o que de melhor se faz nas várias regiões, como têm crescido e que desafios enfrentam.

REGIÃO DO PORTO ACUMULA CRESCIMENTO DE 58,3% PIB por habitante em milhares de euros



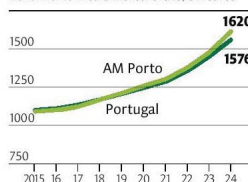
FONTE: INE

EMPREGO NA AMP AVANÇOU QUASE 24% Empregos por conta de outrem, em milhares



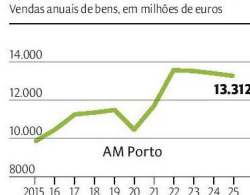
FONTE: INE

REGIÃO DO PORTO PAGA ACIMA DA MÉDIA NACIONAL Rendimento médio mensal bruto, em euros

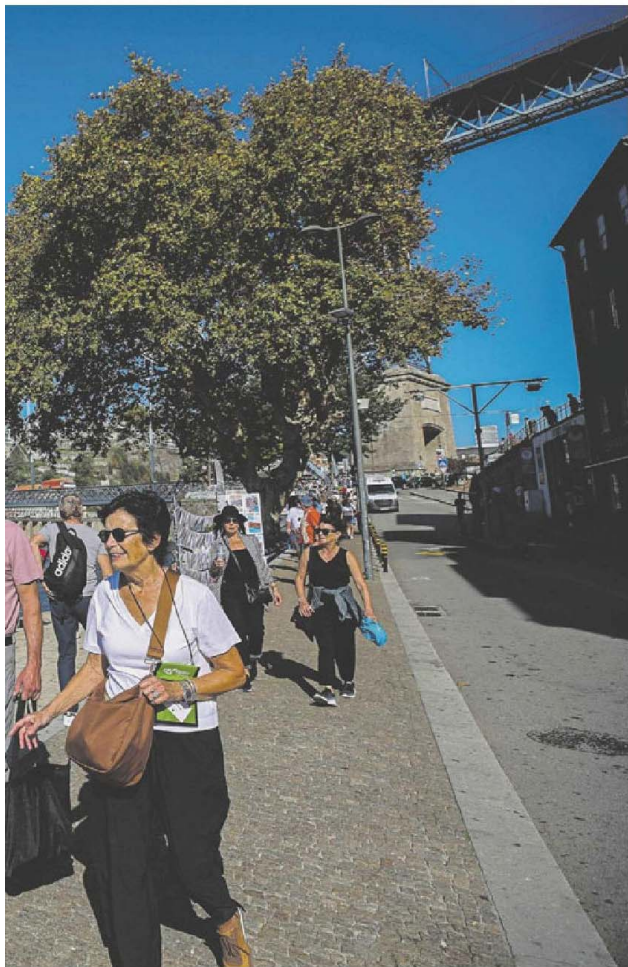


FONTE: INE

EXPORTAÇÕES SUBIRAM QUASE 36% NUMA DÉCADA Vendas anuais de bens, em milhões de euros



FONTE: INE



sas. “Temos um papel de extrema relevância na cadeia logística e de desenvolvimento económico do noroeste peninsular, abrangendo uma área de cerca de 14 milhões de habitantes”, destaca o presidente da APDL – Administração dos Portos do Douro, Leixões e Viana do Castelo, João Neves. “São 6% do PIB nacional e 11% do PIB da região norte que passam anualmente por Leixões”, precisa, para sublinhar que este é o maior porto nacional no que se refere à entrada e saída de importações e exportações para a indústria e centros de consumo portugueses.

Com um movimento anual de 14 a 15 milhões de mercadorias, “um volume marcado por forte diversidade sectorial”, Leixões tem-se “mostrado eficiente” no tempo médio de rotação de carga, visível no registo médio de “50 minutos para um camião entrar no porto, recolher mercadoria e sair quando, em geral, noutros portos a média passa os 60 minutos”, diz João Neves, certo de que “este é um fator crítico para a competitividade das empresas”. E no que respeita ao Terminal de Passageiros, onde o crescimento anual ronda os dois dígitos, a expectativa é de um ano recorde de 240 mil passageiros e 160 escalas.

Para o futuro, numa altura em que os navios estão a aumentar de dimensão e a logística das ligações marítimas internacionais impõe novas exigências, a resposta passa pelo Plano Estratégico de Leixões, que prevê mil milhões de euros em investimento até 2035, priorizando o novo Terminal de Contentores Norte, orçado em €400 milhões.

mmcardoso@expresso.imprensa.pt

CINCO PERGUNTAS A

José Manuel Fernandes

Presidente da AEP — Associação Empresarial de Portugal

Qual o principal contributo da Área Metropolitana do Porto para a economia da região?

As exportações. A região tem um forte pendor empresarial e industrial e concentra 17% das exportações nacionais, tem uma matriz sectorial única, altamente diversificada, que cobre praticamente todas as fileiras, e tem forte ligação entre universidades, instituições tecnológicas e tecido empresarial, destacando-se pelo espírito criativo, flexibilidade, resiliência e ADN empreendedor.

O empreendedorismo é uma força?

É. Há uma forte capacidade de criação de micro e pequenas empresas e um ADN focado no “eu sou capaz”. É comum vermos trabalhadores fabris arriscarem, ganharem autonomia e fundarem empresas de sucesso a partir do zero, tal como é comum termos lado a lado grandes empresas e *startups*, tradição e inovação.

O que é preciso para fortalecer o peso da região na economia nacional?

Ter um aeroporto com resposta mais ajustada ao potencial de crescimento da região, ter expansão logística de Leixões, garantir o redimensionamento das instituições científicas e tecnológicas para produzirem mais conhecimento, ganhar mais agilidade nos licenciamentos industriais e ter menos centralismo de Lisboa na captação de investimento.

Esse centralismo é o principal travão?

Também temos falhas na mobilidade e logística de fluxos, perda de população qualificada para a emigração e burocracia.

O que propõe para melhorar a dinâmica atual?

É precisa uma atratividade seletiva de investimento direto estrangeiro para os *clusters* que se estão a formar na região, da indústria farmacêutica à metalomecânica, porque se temos um motor na Área Metropolitana do Porto e canalizarmos a atenção para lá, os resultados vão aparecer rapidamente. E incentivos para as empresas planearem atempadamente a sucessão e a integração de quadros qualificados.